

Prefeitura Municipal do Salvador do Estado da Bahia

SALVADOR-BA

Professor da Educação Infantil ao 5ª ano do Ensino
Fundamental -Séries Iniciais

A **apostila preparatória** é elaborada antes da publicação do Edital Oficial com base no Edital anterior, para que o aluno antecipe seus estudos.

JL057-2018

DADOS DA OBRA

Título da obra: Prefeitura Municipal do Salvador do Estado da Bahia

Cargo: Professor da Educação Infantil ao 5ª ano do Ensino Fundamental -Séries Iniciais

(Baseado no Edital de Concurso n.º 01/2010)
Atualizado até 07/2018

- Língua Portuguesa
- Fundamentos Teóricos - Metodológicos e Político-Filosóficos da Educação
 - Conhecimentos Específicos - Língua Portuguesa
 - Conhecimentos Específicos - Ciências
 - Conhecimentos Específicos - Geografia
 - Conhecimentos Específicos - História
 - Conhecimentos Específicos - Matemática

Gestão de Conteúdos

Emanuela Amaral de Souza

Diagramação/ Editoração Eletrônica

Elaine Cristina
Igor de Oliveira
Ana Luiza Cesário
Thais Regis

Produção Editorial

Suelen Domenica Pereira
Julia Antoneli

Capa

Joel Ferreira dos Santos

SUMÁRIO

Língua Portuguesa

1. Compreensão e interpretação de textos dos diferentes gêneros discursivos.....	83
2. Coerência, coesão textual e intertextualidade.....	86
3. Conotação e denotação.....	76
4. O uso da norma padrão e a adequação da linguagem às diferentes situações de comunicação.....	101
5. Ortografia.....	44
6. Acentuação gráfica (conforme o atual Acordo Ortográfico).....	47
7. Pontuação.....	50
8. Colocação pronominal.....	74
9. Flexão verbal - valor semântico de tempos e modos.....	07
10. Concordância nominal e verbal.....	52
11. Regência nominal e verbal - o emprego da crase.....	58
12. Relações de sentido entre orações e segmentos de texto - coordenação e subordinação.....	63
13. Reconhecimento do uso significativo dos diferentes recursos gramaticais no texto (níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e textual/discursivo).....	76
14. Redação: produção de texto em prosa, dissertativo-argumentativo, com tema relacionado à Educação.....	91

Fundamentos Teóricos - Metodológicos e Político-Filosóficos da Educação

1. Fundamentos legais da educação brasileira: Constituição Federal (1988);.....	01
Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).....	05
Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental;.....	23
Diretrizes Curriculares Nacionais Parecer 04 CNE/CEB/98 e Resoluções 02 CNE/CEB/98 e 01 CNE/CEB/06;.....	50
Educação a Distância;.....	59
Educação Inclusiva;.....	59
Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/01).....	73
O financiamento da educação brasileira: o FUNDEF e o FUNDEB;.....	122
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA),.....	125
História e Cultura da Infância, Conceito de Infância e de Adolescência.....	179
2. Fundamentos teóricos da Educação: aspectos psicológicos do desenvolvimento humano e teorias da aprendizagem; aspectos filosóficos e sociológicos da Educação; aspectos históricos da Educação.....	180
3. Fundamentos teóricos do processo ensino-aprendizagem: teorizações sobre currículo, currículo integrado, abordagem interdisciplinar no trabalho pedagógico e projeto político pedagógico; Pedagogia de Projetos e Temas Transversais; definição e tratamento didático dos conteúdos do ensino; planejamento, avaliação e registro do processo de ensino-aprendizagem;.....	182
4. A organização da escola e a gestão escolar: projeto político-pedagógico; planejamento participativo: concepção, construção, acompanhamento e avaliação; participação e relações entre escola e comunidade.....	205
5. Diversidade da Sociedade brasileira e seus reflexos no contexto educacional: Lei nº 10.639/03 e Lei nº 11.645/08 - O afro-descendente e as populações indígenas no contexto social e educacional.....	210
6. Bullying e Homofobia.....	220
7. Educação de Jovens e Adultos: A Pedagogia de Paulo Freire e sua influência na Educação de Jovens e Adultos no cenário educacional brasileiro.....	223

Conhecimentos Específicos -Língua Portuguesa

1. Linguagem verbal e não-verbal.....	01
2. Funções sociais da linguagem. Variação linguística: variantes regionais, socioculturais e situacionais.....	01
3. Tipologia textual.....	08
4. Níveis de estrutura gramatical: fonológico, morfossintático e semântico.....	24
5. Relação leitura/escrita. Estrutura e organização textual: coesão e coerência.....	24
6. Fundamentos teóricos do processo de aquisição da leitura e da escrita: conceito de letramento; concepções de linguagem e alfabetização; formação do leitor/autor. Formação do usuário da língua.....	35

SUMÁRIO

Conhecimentos Específicos - Ciências

1. O sistema solar e o universo.	01
2. Ciclo vital e os Elementos da natureza: ar, água, solo.	02
3. Os seres vivos e a sua biodiversidade.	03
4. Relações ecológicas. Homem e Meio.	05
5. Conservação ambiental.	06
6. Corpo Humano: sistemas, higiene e saúde.	07
7. Temas transversais: ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual, pluralidade cultural.	37
8. Doenças sexualmente transmissíveis.	44
9. Saúde, saneamento e cidadania.	51

Conhecimentos Específicos - Geografia

1. Espaço: orientação, representação e organização;	01
2. A sociedade moderna e o espaço;	02
3. O Brasil, a nova ordem mundial e a Globalização, blocos econômicos e a integração dos mercados.	03
4. A população brasileira e o seu crescimento.	04
5. A Cidade de Salvador;	06
6. O meio ambiente e as transformações nas paisagens;	07
7. Linguagem cartográfica.....	08

Conhecimentos Específicos - História

1. Tempo social (história do país, estado e município) e físico (ordenação, duração e simultaneidade).	01
2. Brasil: Formação da sociedade brasileira. Divisão social do trabalho. Sociedade e Cultura.	06
3. Transformações sociais, econômicas, políticas e administrativas: as Instituições Monárquicas e Republicanas.	11
4. Expressão artística e cultural nas décadas de 1950/1960.	12
5. Etapas do desenvolvimento econômico: Cana de Açúcar, Mineração, Café e o "Milagre Brasileiro".	12

Conhecimentos Específicos - Matemática

1. Números naturais: comparação, ordenação, seriação e organização em agrupamentos. Sistema de numeração decimal, operações fundamentais. Aplicação das propriedades operatórias nas técnicas de cálculo mental e estimativas. Divisibilidade: múltiplos, divisores, número primo, MMC e MDC. Situações-problema envolvendo adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação de números inteiros.	01
2. Números racionais: operações, representações e Situações-problema envolvendo frações e números decimais.....	01
3. Sistema monetário brasileiro.	12
4. Espaço e forma: figuras planas, sólidos geométricos e suas propriedades. Composição e decomposição de figuras planas e espaciais. Grandezas e medidas: medidas de comprimento, superfície, volume, capacidade, massa e tempo. Perímetro, área e volume. Sistema legal de unidades de medida.	16
5. Porcentagem.	35
6. A Aprendizagem significativa no ensino da Matemática.	38
7. O papel do jogo na aprendizagem.	38
8. Tratamento das Informações: leitura e interpretação de dados em tabelas e gráficos.	43

LÍNGUA PORTUGUESA

Letra e Fonema.....	01
Estrutura das Palavras.....	04
Classes de Palavras e suas Flexões.....	07
Ortografia.....	44
Acentuação.....	47
Pontuação.....	50
Concordância Verbal e Nominal.....	52
Regência Verbal e Nominal.....	58
Frase, oração e período.....	63
Sintaxe da Oração e do Período.....	63
Termos da Oração.....	63
Coordenação e Subordinação.....	63
Crase.....	71
Colocação Pronominal.....	74
Significado das Palavras.....	76
Interpretação Textual.....	83
Tipologia Textual.....	85
Gêneros Textuais.....	86
Coesão e Coerência.....	86
Reescrita de textos/Equivalência de Estruturas.....	88
Estrutura Textual.....	90
Redação Oficial.....	91
Funções do “que” e do “se”.....	100
Variação Linguística.....	101
O processo de comunicação e as funções da linguagem.....	103

PROF. ZENAIDE AUXILIADORA PACHEGAS BRANCO

Graduada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Adamantina. Especialista pela Universidade Estadual Paulista – Unesp

LETRA E FONEMA

A palavra *fonologia* é formada pelos elementos gregos *fono* ("som, voz") e *log, logia* ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons" ou "estudo dos sons da voz". Fonologia é a parte da gramática que estuda os sons da língua quanto à sua função no sistema de comunicação linguística, quanto à sua organização e classificação. Cuida, também, de aspectos relacionados à divisão silábica, à ortografia, à acentuação, bem como da forma correta de pronunciar certas palavras. Lembrando que, cada indivíduo tem uma maneira própria de realizar estes sons no ato da fala. Particularidades na pronúncia de cada falante são estudadas pela Fonética.

Na língua falada, as palavras se constituem de **fonemas**; na língua escrita, as palavras são reproduzidas por meio de símbolos gráficos, chamados de **letras** ou **grafemas**. Dá-se o nome de fonema ao menor elemento sonoro capaz de estabelecer uma distinção de significado entre as palavras. Observe, nos exemplos a seguir, os fonemas que marcam a distinção entre os pares de palavras:

amor – ator / morro – corro / vento – cento

Cada segmento sonoro se refere a um dado da língua portuguesa que está em sua memória: a imagem acústica que você – como falante de português – guarda de cada um deles. É essa imagem acústica que constitui o fonema. Este forma os significantes dos signos linguísticos. Geralmente, aparece representado entre barras: /m/, /b/, /a/, /v/, etc.

Fonema e Letra

- O fonema não deve ser confundido com a letra. Esta **é a representação gráfica do fonema**. Na palavra *sapo*, por exemplo, a letra "s" representa o fonema /s/ (lê-se *sê*); já na palavra *brasa*, a letra "s" representa o fonema /z/ (lê-se *zê*).

- Às vezes, o mesmo fonema pode ser representado por mais de uma letra do alfabeto. É o caso do fonema /z/, que pode ser representado pelas letras z, s, x: *zebra, casamento, exílio*.

- Em alguns casos, a mesma letra pode representar mais de um fonema. A letra "x", por exemplo, pode representar:

- o fonema /sê/: *texto*
- o fonema /zê/: *exibir*
- o fonema /che/: *enxame*
- o grupo de sons /ks/: *táxi*

- O número de letras nem sempre coincide com o número de fonemas.

<i>Tóxico</i> = fonemas:	/t/ó/k/s/i/c/o/	letras:	t ó x i c o
	1 2 3 4 5 6 7		1 2 3 4 5 6

<i>Galho</i> = fonemas:	/g/a/lh/o/	letras:	g a l h o
	1 2 3 4		1 2 3 4 5

- As letras "m" e "n", em determinadas palavras, não representam fonemas. Observe os exemplos: *compra, conta*. Nestas palavras, "m" e "n" indicam a nasalização das vogais que as antecedem: /õ/. Veja ainda: *nave*: o /n/ é um fonema; *dança*: o "n" não é um fonema; o fonema é /ã/, representado na escrita pelas letras "a" e "n".

- A letra h, ao iniciar uma palavra, não representa fonema.

<i>Hoje</i> = fonemas:	ho /j/ e /	letras:	h o j e
	1 2 3		1 2 3 4

Classificação dos Fonemas

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em:

1) Vogais

As vogais são os fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Isso significa que em toda sílaba há, necessariamente, uma única vogal.

Na produção de vogais, a boca fica aberta ou entreaberta. As vogais podem ser:

- **Orais**: quando o ar sai apenas pela boca: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/.

- **Nasais**: quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais.

/ã/: *fã, canto, tampa*

/ẽ/: *dente, tempero*

/ĩ/: *lindo, mim*

/õ/: *bonde, tombo*

/ũ/: *nunca, algum*

- **Átonas**: pronunciadas com menor intensidade: *até, bola*.

- **Tônicas**: pronunciadas com maior intensidade: *até, bola*.

Quanto ao timbre, as vogais podem ser:

- Abertas: *pé, lata, pó*

- Fechadas: *mês, luta, amor*

- Reduzidas - Aparecem quase sempre no final das palavras: *dedo* ("dedu"), *ave* ("avi"), *gente* ("genti").

2) Semivogais

Os fonemas /i/ e /u/, algumas vezes, não são vogais. Aparecem apoiados em uma vogal, formando com ela uma só emissão de voz (uma sílaba). Neste caso, estes fonemas são chamados de *semivogais*. A diferença fundamental entre vogais e semivogais está no fato de que estas não desempenham o papel de núcleo silábico.

Observe a palavra *papai*. Ela é formada de duas sílabas: *pa - pai*. Na última sílaba, o fonema vocálico que se destaca é o "a". Ele é a vogal. O outro fonema vocálico "i" não é tão forte quanto ele. É a semivogal. Outros exemplos: *saudade, história, série*.

3) Consoantes

Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal, fazendo com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre consoam ("soam com") as vogais. Exemplos: /b/, /t/, /d/, /v/, /l/, /m/, etc.

Encontros Vocálicos

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. É importante reconhecê-los para dividir corretamente os vocábulos em sílabas. Existem três tipos de encontros: o *ditongo*, o *tritongo* e o *hiato*.

1) Ditongo

É o encontro de uma vogal e uma semivogal (ou vice-versa) numa mesma sílaba. Pode ser:

- **Crescente**: quando a semivogal vem antes da vogal: *sé-rie* (i = semivogal, e = vogal)

- **Decrescente**: quando a vogal vem antes da semivogal: *pai* (a = vogal, i = semivogal)

- **Oral**: quando o ar sai apenas pela boca: *pai*

- **Nasal**: quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais: *mãe*

2) Tritongo

É a sequência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nesta ordem, numa só sílaba. Pode ser oral ou nasal: *Paraguai* - Tritongo oral, *quão* - Tritongo nasal.

3) Hiato

É a sequência de duas vogais numa mesma palavra que pertencem a sílabas diferentes, uma vez que nunca há mais de uma vogal numa mesma sílaba: *saída* (sa-í-da), *poesia* (po-e-si-a).

Encontros Consonantais

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de *encontro consonantal*. Existem basicamente dois tipos:

1-) os que resultam do contato consoante + "l" ou "r" e ocorrem numa mesma sílaba, como em: *pe-dra, pla-no, a-tle-ta, cri-se*.

2-) os que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes: *por-ta, rit-mo, lis-ta*.

Há ainda grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis: *pneu, gno-mo, psi-có-lo-go*.

Dígrafos

De maneira geral, cada fonema é representado, na escrita, por apenas uma letra: *lixo* - Possui quatro fonemas e quatro letras.

Há, no entanto, fonemas que são representados, na escrita, por duas letras: *bicho* - Possui quatro fonemas e cinco letras.

Na palavra acima, para representar o fonema /xe/ foram utilizadas duas letras: o "c" e o "h".

Assim, o *dígrafo* ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema (di = dois + grafo = letra). Em nossa língua, há um número razoável de dígrafos que convém conhecer. Podemos agrupá-los em dois tipos: consonantais e vocálicos.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS - METODOLÓGICOS E POLÍTICO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

1. Fundamentos legais da educação brasileira: Constituição Federal (1988);.....	01
Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)	05
Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental;.....	23
Diretrizes Curriculares Nacionais Parecer 04 CNE/CEB/98 e Resoluções 02 CNE/CEB/98 e 01 CNE/CEB/06;.....	50
Educação a Distância;.....	59
Educação Inclusiva;	59
Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/01)......	73
O financiamento da educação brasileira: o FUNDEF e o FUNDEB;	122
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA),	125
História e Cultura da Infância, Conceito de Infância e de Adolescência.....	179
2. Fundamentos teóricos da Educação: aspectos psicológicos do desenvolvimento humano e teorias da aprendizagem; aspectos filosóficos e sociológicos da Educação; aspectos históricos da Educação.	180
3. Fundamentos teóricos do processo ensino-aprendizagem: teorizações sobre currículo, currículo integrado, abordagem interdisciplinar no trabalho pedagógico e projeto político pedagógico; Pedagogia de Projetos e Temas Transversais; definição e tratamento didático dos conteúdos do ensino; planejamento, avaliação e registro do processo de ensino-aprendizagem;.....	182
4. A organização da escola e a gestão escolar: projeto político-pedagógico; planejamento participativo: concepção, construção, acompanhamento e avaliação; participação e relações entre escola e comunidade.	205
5. Diversidade da Sociedade brasileira e seus reflexos no contexto educacional: Lei nº 10.639/03 e Lei nº 11.645/08 - O afro-descendente e as populações indígenas no contexto social e educacional.	210
6. Bullying e Homofobia.....	220
7. Educação de Jovens e Adultos: A Pedagogia de Paulo Freire e sua influência na Educação de Jovens e Adultos no cenário educacional brasileiro.....	223

FUNDAMENTOS TEÓRICOS - METODOLÓGICOS E POLÍTICO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

1. FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988);

1. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

Os Fundamentos da Educação têm por objetivo despertar nos indivíduos o seu papel de cidadãos e a visão crítica da sociedade, partindo da realidade; levar os indivíduos a uma reflexão e compreensão da sociedade em que estão inseridos; formar cidadãos conscientes; problematizar questões cotidianas; oportunizar espaços de discussão. Os processos educacionais reúnem, duas realidades indissociáveis no desenvolvimento do homem: a formação intelectual e a formação social.

A educação é um reflexo dos modos de vida do homem; encontra-se, pois, estreitamente atrelada ao contexto das relações sociais, construindo-o e nele sendo construída. Educar não é, entretanto, condicionar socialmente o indivíduo, mas, fundamentalmente, garantir-lhe liberdade e autonomia. Ela busca a compreensão do desenvolvimento humano no contexto sociocultural, bem como a promoção das potencialidades do sujeito em interação com o outro social.

Nas palavras de Demo, educação não é só ensinar, instruir, treinar, domesticar, é, sobretudo formar a autonomia do sujeito histórico competente, uma vez que, o educando não é o objetivo de ensino, mas sim sujeito do processo, parceiro de trabalho, trabalho este entre individualidade e solidariedade”.

Após a discussão sobre a educação pode se perceber que os vários autores que trataram sobre esse conceito, como de suma importância para a transformação da realidade, e dependendo do ponto de vista, vai se trilhando um caminho para o aperfeiçoamento do ser humano, e como este pode conviver melhor com o outro.

Fundamentos Psicológicos da Educação

Na perspectiva construtivista de Piaget, o começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. Conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo, é algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento. As formas de conhecer são construídas nas trocas com os objetos, tendo uma melhor organização em momentos sucessivos de adaptação ao objeto. A adaptação ocorre através da organização, sendo que o organismo discrimina entre estímulos e sensações, selecionando aqueles que irá organizar em alguma forma de estrutura. A adaptação possui dois mecanismos opostos, mas complementares, que garantem o processo de desenvolvimento: a assimilação e a acomodação. Segundo Piaget, o conhecimento é a equilíbrio/ reequilíbrio entre assimilação e acomodação, ou seja, entre os indivíduos e os objetos

do mundo. Para Piaget, o desenvolvimento mental dá-se espontaneamente a partir de suas potencialidades e da sua interação com o meio. O processo de desenvolvimento mental é lento, ocorrendo por meio de graduações sucessivas através de estágios: período da inteligência sensório motora; período da inteligência pré-operatória; período da inteligência operatório-concreta; e período da inteligência operatório-formal.

Para Vygotsky, a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. Nas interações cotidianas, a mediação (necessária intervenção de outro entre duas coisas para que uma relação se estabeleça) com o adulto acontece espontaneamente no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas. Essa teoria apoia-se na concepção de um sujeito interativo que elabora seus conhecimentos sobre os objetos, em um processo mediado pelo outro. O conhecimento tem gênese nas relações sociais, sendo produzido na intersubjetividade e marcado por condições culturais, sociais e históricas.

Segundo Vygotsky, o homem se produz na e pela linguagem, isto é, é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito. A relação entre homem e mundo é uma relação mediada, na qual, entre o homem e o mundo existem elementos que auxiliam a atividade humana. A capacidade humana para a linguagem faz com que as crianças providenciem instrumentos que auxiliem na solução de tarefas difíceis, planejem uma solução para um problema e controlem seu comportamento.

Para Vygotsky, a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles. Ele explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real), um “espaço dinâmico” entre os problemas que uma criança pode resolver sozinha (nível de desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial).

Portanto, é no ensino fundamental que deve começar o processo de conscientização de professores e alunos no sentido de buscar e usar a informação, na direção do enriquecimento intelectual, na autoinstrução. Isso significa que não podemos admitir, nos tempos de hoje, um professor que seja um mero repassador de informações. O que se exige, é que ele seja um criador de ambientes de aprendizagem, parceiro e colaborador no processo de construção do conhecimento, que se atualize continuamente.

Em uma breve reflexão partindo do geral percebemos que a importância da psicologia na educação possibilita a criança a aprender, planejar, direcionar e avaliar as suas ações. Ao longo desse processo, ela comete alguns erros, reflete sobre eles e enfrenta a possibilidade de corrigi-los.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS - METODOLÓGICOS E POLÍTICO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

Experimentam alegrias, tristezas, períodos de ansiedade e de calma. Trata de buscar consolo em seus semelhantes. É também no convívio social, através das atividades práticas realizada, que se criam às condições para o aparecimento da consciência, que é a capacidade de distinguir entre as propriedades objetivas e estáveis da realidade e aquilo que é vivido subjetivamente. Através do trabalho, os homens se organizam para alcançar determinados fins, respondendo aos impasses que a natureza coloca à sobrevivência. Para tanto, usam do conhecimento acumulado por gerações e criam, a partir do trabalho, outros conhecimentos.

Fundamentos Sócioantropológicos da Educação

Teorias sociológicas da educação leva à função social da escola e sua relação com a sociedade: diferentes tendências teóricas. Daí pode-se fazer a análise da educação brasileira e suas implicações na sociedade, teoria e prática: alicerces para o dia-a-dia do professor.

O lugar da sociologia no quadro das ciências sociais numa perspectiva histórico-crítica é ter a Sociologia como Ciência que estuda as relações do homem com a sociedade. A educação como fenômeno social e objeto de estudo da Sociologia. As matrizes do pensamento sociológico (Marx, Weber e Durkheim) e as diferentes análises do fenômeno educacional. O estado, a estrutura social e suas relações com a educação. Os processos educacionais no Brasil e as teorias contemporâneas da sociologia da Educação. As teorias sociológicas (funcionalismo, teorias da reprodução e materialismo histórico) e suas contribuições para a interpretação dos fenômenos educacionais. A escola como espaço de construção de identidades sociais. Os estereótipos do processo ensino-aprendizagem. Os Espaços educacionais não formais e as novas dimensões contemporâneas da educação na sociedade globalizada. Educação e Cidadania: A função política e social da escola.

A sociologia da educação é uma disciplina que estuda os processos sociais do ensino e da aprendizagem. Tanto os processos institucionais e organizacionais nos quais a sociedade se baseia para prover educação a seus integrantes, como as relações sociais que marcam o desenvolvimento dos indivíduos neste processo são analisados por esta disciplina.

A Sociologia da Educação é a vertente da Sociologia que estuda a realidade sócio educacional e os processos educacionais de socialização. Tem como fundadores Emile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Durkheim é o primeiro a ter uma Sociologia da Educação sistematizada em obras como Educação e Sociologia, A Evolução Pedagógica na França e Educação Moral.

A Sociologia da Educação oportuniza aos seus pesquisadores e estudiosos compreender que a educação se dá no contexto de uma sociedade que, por sua vez, é também resultante da educação. Também oportuniza compreender e caracterizar a inter-relação ser humano/sociedade/educação à luz de diferentes teorias sociológicas

O estudo de sociedades culturalmente diferentes oferece ferramentas importantes nesta análise. O conhecimento de como diferentes culturas se reproduzem e educam seus indivíduos permite uma aproximação dos processos mais

estruturais que compõem a educação de uma forma mais ampla. A sociologia da educação é a extensão da sociologia que estuda a realidade sócio educacional. Oportuniza aos pesquisadores compreender que a educação se dá no contexto da sociedade, e não apenas na sala de aula, caracterizando a relação que há entre ser humano, sociedade e educação através de diferentes teorias sociológicas.

Segundo Durkheim, a sociologia da educação serviria para os futuros professores para uma nova moral laica e racionalista, sem influência religiosa.

A sociologia da educação começou a se consolidar por Marx e Engels, como o pensamento sobre as sociedades de seu tempo, criando uma relação de educação e produção. As concepções deles têm como início a revolução industrial, criando a educação politécnica, que combina a instituição escolar com o trabalho produtivo, acreditando que dessa relação nasceria um dos mais poderosos meios de transformação social.

A importância da Sociologia para os futuros docentes em fornecer-lhes instrumentos para a análise da sociedade, ajuda-los a pensar o lugar da educação na ordem social e a compreender as vinculações da educação com outras instituições (família, comunidade, igrejas, dentre outras). Isso significa tornar mais claro os horizontes de sua prática profissional e a relação dela com a sociedade histórica e atualmente.

Fundamentos Filosóficos da Educação

Enquanto reflexão filosófica, a Filosofia da Educação tem como tarefa básica buscar o sentido mais profundo do próprio sujeito no processo educacional, ou seja, de construir a imagem do Homem em seu papel de sujeito/educando, nesse sentido deve ser uma disciplina que busque integrar as várias contribuições das ciências humanas.

A relação entre Educação e Filosofia é bastante espontânea. Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos homens de uma sociedade, a filosofia faz uma reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes homens e esta sociedade, isto é, uma reflexão. A educação pode ser formal ou informal. Aquela que acontece no cotidiano, que é realizada através do aprendizado empírico das tarefas, ou seja, construída no dia-a-dia é considerada a educação informal. Essa categoria é construída, sobretudo, pela observação e convivência entre os membros de uma sociedade, sem um planejamento prévio, sem local ou mesma hora determinada. Já a educação formal acontece através de pessoas especializada, procura selecionar os elementos essenciais para a sua transmissão, geralmente acontece com planejamento prévio e em local e hora definidos.

Assim, a educação dentro de uma sociedade se revela como um instrumento de manutenção ou transformação social e não como um fim em si mesmo. Deste modo, ela precisa de pressupostos, de conceitos que possam fundamentar e orientar os seus caminhos. A sociedade da qual ela está inserida precisa possuir alguns valores que possam nortear a suas práticas sobre os problemas que a realidade educacional apresenta.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Língua Portuguesa

1. Linguagem verbal e não-verbal.	01
2. Funções sociais da linguagem. Variação linguística: variantes regionais, socioculturais e situacionais.	01
3. Tipologia textual.	08
4. Níveis de estrutura gramatical: fonológico, morfossintático e semântico.	24
5. Relação leitura/escrita. Estrutura e organização textual: coesão e coerência	24
6. Fundamentos teóricos do processo de aquisição da leitura e da escrita: conceito de letramento; concepções de linguagem e alfabetização; formação do leitor/autor. Formação do usuário da língua.....	35

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Língua Portuguesa

1. LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL.

O que é linguagem? É o uso da língua como forma de expressão e comunicação entre as pessoas. A linguagem não é somente um conjunto de palavras faladas ou escritas, mas também de gestos e imagens. Afinal, não nos comunicamos apenas pela fala ou escrita, não é verdade?

Então, *a linguagem pode ser verbalizada, e daí vem a analogia ao verbo*. Você já tentou se pronunciar sem utilizar o verbo? Se não, tente, e verá que é impossível se ter algo fundamentado e coerente! Assim, a linguagem verbal é a que utiliza palavras quando se fala ou quando se escreve.

A linguagem pode ser não verbal, ao contrário da verbal, não utiliza vocábulo, palavras para se comunicar. O objetivo, neste caso, não é de expor verbalmente o que se quer dizer ou o que se está pensando, mas se utilizar de outros meios comunicativos, como: *placas, figuras, gestos, objetos, cores, ou seja, dos signos visuais*.

Vejam os:

- *um texto narrativo, uma carta, o diálogo, uma entrevista, uma reportagem no jornal escrito ou televisionado, um bilhete?* = **Linguagem verbal!**

Agora: *o semáforo, o apito do juiz numa partida de futebol, o cartão vermelho, o cartão amarelo, uma dança, o aviso de "não fume" ou de "silêncio", o bocejo, a identificação de "feminino" e "masculino" através de figuras na porta do banheiro, as placas de trânsito?* = **Linguagem não verbal!**

A linguagem pode ser ainda verbal e não verbal ao mesmo tempo, como nos casos das *charges, cartoons e anúncios publicitários*.

Observe alguns exemplos:



Cartão vermelho – denúncia de falta grave no futebol.



R-12 Proibido trânsito de bicicletas

Placas de trânsito – “proibido andar de bicicleta”



Símbolo que se coloca na porta para indicar “sanitário masculino”.



Imagem indicativa de “silêncio”.



Semáforo com sinal amarelo advertindo “atenção”.

Fonte: <http://www.brasilecola.com/redacao/linguagem.htm>

2. FUNÇÕES SOCIAIS DA LINGUAGEM.

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: VARIANTES REGIONAIS, SOCIOCULTURAIS E SITUACIONAIS.

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

Quando se pergunta a alguém para que serve a linguagem, a resposta mais comum é que ela serve para comunicar. Isso está correto. No entanto, comunicar não é apenas transmitir informações. É também exprimir emoções, dar ordens, falar apenas para não haver silêncio. Para que serve a linguagem?

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Língua Portuguesa

- A linguagem serve para informar: Função Referencial.

"Estados Unidos invadem o Iraque"

Essa frase, numa manchete de jornal, informa-nos sobre um acontecimento do mundo.

Com a linguagem, armazenamos conhecimentos na memória, transmitimos esses conhecimentos a outras pessoas, ficamos sabendo de experiências bem-sucedidas, somos prevenidos contra as tentativas mal sucedidas de fazer alguma coisa. Graças à linguagem, um ser humano recebe de outro conhecimentos, aperfeiçoa-os e transmite-os.

Condillac, um pensador francês, diz: *"Quereis aprender ciências com facilidade? Começai a aprender vossa própria língua!"* Com efeito, a linguagem é a maneira como aprendemos desde as mais banais informações do dia a dia até as teorias científicas, as expressões artísticas e os sistemas filosóficos mais avançados.

A função informativa da linguagem tem importância central na vida das pessoas, consideradas individualmente ou como grupo social. Para cada indivíduo, ela permite conhecer o mundo; para o grupo social, possibilita o acúmulo de conhecimentos e a transferência de experiências. Por meio dessa função, a linguagem modela o intelecto.

É a função informativa que permite a realização do trabalho coletivo. Operar bem essa função da linguagem possibilita que cada indivíduo continue sempre a aprender.

A função informativa costuma ser chamada também de função referencial, pois seu principal propósito é fazer com que as palavras revelem da maneira mais clara possível as coisas ou os eventos a que fazem referência.

- A linguagem serve para influenciar e ser influenciado: Função Conativa.

"Vem pra Caixa você também."

Essa frase fazia parte de uma campanha destinada a aumentar o número de correntistas da Caixa Econômica Federal. Para persuadir o público alvo da propaganda a adotar esse comportamento, formulou-se um convite com uma linguagem bastante coloquial, usando, por exemplo, a forma *vem*, de segunda pessoa do imperativo, em lugar de *venha*, forma de terceira pessoa prescrita pela norma culta quando se usa *você*.

Pela linguagem, as pessoas são induzidas a fazer determinadas coisas, a crer em determinadas ideias, a sentir determinadas emoções, a ter determinados estados de alma (amor, desprezo, desdém, raiva, etc.). Por isso, pode-se dizer que ela modela atitudes, convicções, sentimentos, emoções, paixões. Quem ouve desavisada e reiteradamente a palavra negro pronunciada em tom desdenhoso aprende a ter sentimentos racistas; se a todo momento nos dizem, num tom pejorativo, *"Isso é coisa de mulher"*, aprendemos os preconceitos contra a mulher.

Não se interfere no comportamento das pessoas apenas com a ordem, o pedido, a súplica. Há textos que nos influenciam de maneira bastante sutil, com tentações e seduções, como os anúncios publicitários que nos dizem

como seremos bem sucedidos, atraentes e charmosos se usarmos determinadas marcas, se consumirmos certos produtos. Por outro lado, a provocação e a ameaça expressas pela linguagem também servem para fazer fazer.

Com essa função, a linguagem modela tanto bons cidadãos, que colocam o respeito ao outro acima de tudo, quanto espertalhões, que só pensam em levar vantagem, e indivíduos atemorizados, que se deixam conduzir sem questionar.

Emprega-se a expressão função conativa da linguagem quando esta é usada para interferir no comportamento das pessoas por meio de uma ordem, um pedido ou uma sugestão. A palavra *conativo* é proveniente de um verbo latino (*conari*) que significa "esforçar-se" (para obter algo).

- A linguagem serve para expressar a subjetividade: Função Emotiva.

"Eu fico possesso com isso!"

Nessa frase, quem fala está exprimindo sua indignação com alguma coisa que aconteceu. Com palavras, objetivamos e expressamos nossos sentimentos e nossas emoções. Exprimimos a revolta e a alegria, sussurramos palavras de amor e explodimos de raiva, manifestamos desespero, desdém, desprezo, admiração, dor, tristeza. Muitas vezes, falamos para exprimir poder ou para afirmarmo-nos socialmente. Durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, ouvíamos certos políticos dizerem *"A intenção do Fernando é levar o país à prosperidade"* ou *"O Fernando tem mudado o país"*. Essa maneira informal de se referirem ao presidente era, na verdade, uma maneira de insinuarem intimidade com ele e, portanto, de exprimirem a importância que lhes seria atribuída pela proximidade com o poder. Inúmeras vezes, contamos coisas que fizemos para afirmarmo-nos perante o grupo, para mostrar nossa valentia ou nossa erudição, nossa capacidade intelectual ou nossa competência na conquista amorosa.

Por meio do tipo de linguagem que usamos, do tom de voz que empregamos, etc., transmitimos uma imagem nossa, não raro inconscientemente.

Emprega-se a expressão função emotiva para designar a utilização da linguagem para a manifestação do enunciadador, isto é, daquele que fala.

- A linguagem serve para criar e manter laços sociais: Função Fática.

__Que calorão, hein?

__Também, tem chovido tão pouco.

__Acho que este ano tem feito mais calor do que nos outros.

__Eu não me lembro de já ter sentido tanto calor.

Esse é um típico diálogo de pessoas que se encontram num elevador e devem manter uma conversa nos poucos instantes em que estão juntas. Falam para nada dizer, apenas porque o silêncio poderia ser constrangedor ou parecer hostil.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Ciências

1. O sistema solar e o universo.	01
2. Ciclo vital e os Elementos da natureza: ar, água, solo.	02
3. Os seres vivos e a sua biodiversidade.	03
4. Relações ecológicas. Homem e Meio.	05
5. Conservação ambiental.	06
6. Corpo Humano: sistemas, higiene e saúde.	07
7. Temas transversais: ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual, pluralidade cultural.	37
8. Doenças sexualmente transmissíveis.	44
9. Saúde, saneamento e cidadania.	51

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Ciências

1. O SISTEMA SOLAR E O UNIVERSO.

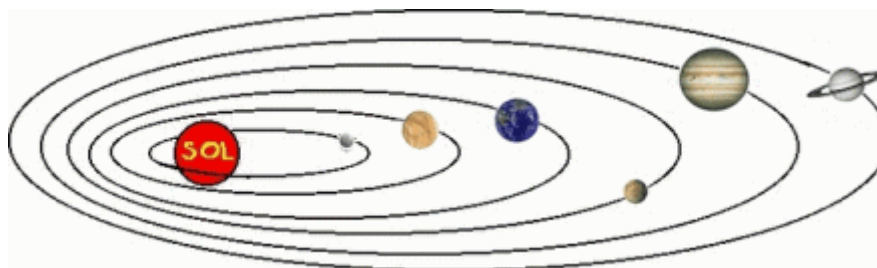
O sistema solar é um conjunto de **planetas**, **asteroides** e **cometas** que giram ao redor do sol. Cada um se mantém em sua respectiva órbita em virtude da intensa força gravitacional exercida pelo astro, que possui massa muito maior que a de qualquer outro planeta.

Os corpos mais importantes do sistema solar são os **oito planetas** que giram ao redor do sol, descrevendo órbitas elípticas, isto é, órbitas semelhantes a circunferências ligeiramente excêntricas.



Os planetas que compõem o sistema solar

O sol não está exatamente no centro dessas órbitas, como pode-se ver na figura abaixo, razão pela qual os planetas podem encontrar-se, às vezes, mais próximos ou mais distantes do astro.



Órbitas elípticas dos planetas do Sistema Solar

Origem do Sistema Solar

O sol e o Sistema Solar tiveram origem há **4,5 bilhões de anos** a partir de uma nuvem de gás e poeira que girava ao redor de si mesma. Sob a ação de seu próprio peso, essa nuvem se achatou, transformando-se num disco, em cujo centro formou-se o sol. Dentro desse disco, iniciou-se um processo de aglomeração de materiais sólidos, que, ao sofrer colisões entre si, deram lugar a corpos cada vez maiores, os outros planetas.

A composição de tais aglomerados relacionava-se com a distância que havia entre eles e o sol. Longe do astro, onde a temperatura era muito baixa, os planetas possuem muito mais matéria gasosa do que sólida, é o caso de Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Os planetas perto dele, ao contrário, o gelo evaporou, restando apenas rochas e metais, é o caso de Mercúrio, Vênus, Terra e Marte.

Os componentes do Sistema Solar

O sol

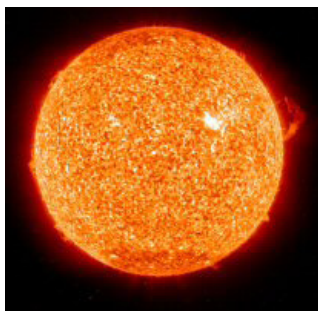
O Sol é a **fonte de energia que domina o sistema solar**. Sua força gravitacional mantém os planetas em órbita e sua luz e calor tornam possível a vida na Terra. A Terra dista, em média, aproximadamente 150 milhões de quilômetros do Sol, distância percorrida pela luz em 8 minutos. Todas as demais estrelas estão localizadas em pontos muito mais distantes.

As observações científicas realizadas indicam que o Sol é uma estrela de luminosidade e tamanho médios, e que no céu existem incontáveis estrelas maiores e mais brilhantes, mas para nossa sorte, a luminosidade, tamanho e distância foram exatos para que o nosso planeta desenvolvesse formas de vida como a nossa.

O Sol possui 99,9% da matéria de todo o Sistema Solar. Isso significa que todos os demais astros do Sistema juntos somam apenas 0,1%.

Composição do Sol

O Sol é uma enorme esfera de gás incandescente composta essencialmente de hidrogênio e hélio, com um diâmetro de 1,4 milhões de quilômetros.



O volume do Sol é tão grande que em seu interior caberiam mais de 1 milhão de planetas do tamanho do nosso. Para igualar seu diâmetro, seria necessário colocar 109 planetas como a Terra um ao lado do outro. No centro da estrela encontra-se o núcleo, cuja temperatura alcança os 15 milhões de graus centígrados e onde ocorre o processo de fusão nuclear por meio do qual o hidrogênio se transforma em hélio. Já na superfície a temperatura do Sol é de cerca de 6.000 graus Celsius.

Fonte: <https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Universo/sistemasolar.php>

2. CICLO VITAL E OS ELEMENTOS DA NATUREZA: AR, ÁGUA, SOLO.

Ciclo Vital

É necessário conhecer as fases da vida dos organismos para podermos entender as forças que governam a abundância deles em uma comunidade.

O ponto crucial é onde o indivíduo se reproduz, pois até ali ele conseguiu sobreviver até deixar descendentes.

Um ciclo de vida compreende o nascimento de indivíduo, seu período pré-reprodutivo, reprodutivo, pós-reprodutivo e sua morte.

As espécies anuais apresentam apenas uma geração durante o ano, já as espécies perenes possuem um ciclo de vida que ultrapassa vários anos.

Durante a fase de crescimento, pré-reprodutiva e reprodutiva, o organismo necessita de recursos. O crescimento diminui em intensidade quando o organismo atinge sua idade reprodutiva e pode até cessar. Quanto aos recursos, durante a gestação, as fêmeas necessitam de uma dieta bem mais calórica que o normal (sem gestação), para não causar danos à mãe.

Quanto à reprodução, existem dois tipos de espécies:

Iteróparas: podem se reproduzir repetidamente, gastando seus recursos em uma reprodução e sobrevivendo para um próximo evento reprodutivo.

Semélparas: Apresentam apenas um evento reprodutivo, seguido pela morte do progenitor.

A maioria das espécies anuais possui um ciclo reprodutivo bem definido, quando em latitudes temperadas e sazonalidade bem marcada. Elas tendem a germinar ou nascer durante a época em que as temperaturas estão em elevação, geralmente na primavera, crescendo rapidamente, se reproduzindo e morrendo antes do início do verão. Muitos organismos passam parte do ano na forma de sementes, ovos, esporos ou cistos.

Esses estágios podem durar mais de um ano e são muito importantes para os organismos sobreviverem em baixas temperaturas e secas prolongadas.

Em espécies com ciclos de vida mais longos, há um ritmo sazonal na atividade reprodutiva. Em vegetais, o período de reprodução ou floração está relacionado com o fotoperíodo.

Em algumas espécies, as gerações de prole podem se sobrepor e até se acasalar, como nas espécies perenes. Alguns organismos possuem uma vida pré-reprodutiva muito longa, podendo ter uma intensa atividade reprodutiva e logo em seguida morrer.

Algumas espécies possuem uma longevidade muito ampla, e apenas um evento reprodutivo.

A idade e o tamanho do indivíduo têm grande importância sobre as suas chances de reprodução.

Fonte: <https://www.infoescola.com/biologia/ciclo-de-vida-e-reproducao/>

ELEMENTOS DA NATUREZA

OS QUATRO ELEMENTOS

A representação mais icônica das forças naturais talvez sejam os quatro elementos principais, como Ar, Fogo, Água e Terra. Eles são tão marcantes e essenciais às diferentes formulações mágicas que se encontram amplamente difundidos pela cultura geral, mesmo que de forma superficial.

AR

Este é o símbolo natural das ideias, do poder mental, da comunicação, mudanças, a sabedoria e acima de tudo, da liberdade. Em geral mais seco, expansivo e até mesmo masculino, o ar é destaque em meios acadêmicos ao buscar sempre pela sabedoria e a consciência. Essa busca pelo

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

1. Espaço: orientação, representação e organização;	01
2. A sociedade moderna e o espaço;	02
3. O Brasil, a nova ordem mundial e a Globalização, blocos econômicos e a integração dos mercados.	03
4. A população brasileira e o seu crescimento.	04
5. A Cidade de Salvador;	06
6. O meio ambiente e as transformações nas paisagens;	07
7. Linguagem cartográfica.....	08

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

1 ESPAÇO: ORIENTAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO;

Orientação e Localização no espaço geográfico...

Orientação pelo Sol

Observando o Sol, o ser humano percebeu que esse astro surge, ao amanhecer, e desaparece, ao anoitecer, nas mesmas direções todos os dias. Com base nessa observação, foi determinado um conjunto de pontos de orientação, que são chamados de pontos cardeais: leste, oeste, norte e sul.

A direção ao Sol nascer ficou determinada como leste (L) ou este (E) ou oriente (que significa nascente). O lado oposto, em que o Sol desaparece, ficou determinado como oeste (O) ou ocidente (que significa poente). Determinados os pontos leste e oeste, foram estabelecidos mais dois: o norte (N), ou setentrional ou boreal, e o sul (S), ou meridional ou astral.

Com base nos pontos cardeais foram determinadas outras direções intermediárias, conhecidas como pontos colaterais.

Entre o norte e o leste, está o nordeste (NE).
Entre o norte e o oeste, está o noroeste (NO).
Entre o sul e o leste, está o sudeste (SE).
Entre o sul e o oeste, está o sudoeste (SO).

Existem ainda os subcolaterais, localizados entre os cardeais e os colaterais: norte-nordeste (N-NE), norte-noroeste (N-NO), sul-sudeste (S-SE), sul-sudoeste (S-SO), leste-nordeste (L-NE), leste-sudeste (L-SE), oeste-noroeste (O-NO), e oeste-sudoeste (O-SO).

Os pontos de orientação – cardeais, colaterais, subcolaterais e intermediários são costumeiramente representados por uma rosa-dos-ventos.

Orientação pela Lua

Podemos utilizar a Lua, como orientação, que também nasce na direção leste e se põe na direção oeste. Assim, o procedimento para determinar os pontos de orientação utilizando a Lua como referência são os mesmos adotados para o Sol.

Orientação pela bússola

A bússola é um instrumento de orientação, que foi muito importante nas grandes navegações, criada pelos chineses no século X. Ela possui uma agulha imantada, que gira sobre um eixo, e um mostrador, onde está desenhada a rosa-dos-ventos.

A agulha imantada aponta sempre para o pólo magnético do Norte, que atua como um grande ímã. Esse pólo magnético não coincide com o Pólo Norte geográfico. Entre eles há uma diferença de cerca de 1.400 quilômetros.

Os modernos instrumentos de orientação

O GPS permite localizar precisamente um determinado objeto em qualquer lugar da superfície da Terra. Esse aparelho é conectado a 26 satélites orbitando a Terra a cerca de 20.000 quilômetros de altitude. O GPS é a sigla do termo inglês Global Positioning System – Sistema de Posicionamento Global. Esse aparelho é muito utilizado nas navegações marítimas e aéreas, nas forças armadas, no monitoramento de caminhões e carros, em expedições ou em lugares sem ponto de referência, como a Floresta Amazônica e a Antártida. Também temos sofisticados instrumentos de orientação como radares, rádios etc...

Os paralelos e os meridianos

Para nos localizarmos lugares ou objetos com precisão na superfície terrestre, utilizamos as coordenadas geográficas, que resultam de um conjunto de linhas imaginárias que são traçadas sobre os mapas e globos que representam a superfície da Terra. Essas linhas são denominadas paralelos e meridianos.

Os paralelos são linhas horizontais que circundam o planeta. O principal paralelo é o Equador, que divide a Terra em duas partes iguais chamadas de hemisférios: o Hemisfério Norte e o Hemisfério Sul.

Os paralelos são indicados em graus e determinados a partir do Equador (0°), podendo atingir o valor máximo de 90° ao norte ou a sul.

Os principais paralelos recebem denominações específicas: Círculo Polar Ártico e Trópico de Câncer, no Hemisfério Norte; Círculo Polar Antártico e Trópico de Capricórnio no Hemisfério Sul.

Os meridianos são linhas verticais traçadas do Pólo Norte ao Pólo Sul e também são medidos em graus.

Todos os meridianos são medidos a partir de Greenwich, que corresponde a 0°. Greenwich divide a Terra em dois hemisférios: o Hemisfério Leste ou Oriental, e o Hemisfério Oeste ou Ocidental.

Os meridianos têm o valor máximo de 180° no Hemisfério Leste e 180° no Hemisfério Oeste.

A latitude e a longitude

A latitude é a distância em graus de qualquer ponto da superfície terrestre, até a linha do Equador. Todos os lugares que estão sobre o mesmo paralelo tem a mesma latitude. As latitudes variam entre 0° na linha do Equador, e 90°, ao norte ou ao sul desse paralelo.

A longitude é a distância em graus entre qualquer ponto da superfície terrestre, e o Meridiano de Greenwich. Todos os lugares situados sobre o mesmo meridiano tem a mesma longitude. As longitudes variam entre 0°, na linha de Greenwich, e 180° para leste ou oeste dessa linha.

Fonte: <http://basegeografica.blogspot.com/2010/09/orientacao-no-espaco-geografico.html>

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

2. A SOCIEDADE MODERNA E O ESPAÇO;

1. O espaço de vivência do ser humano: vimos anteriormente que tudo o que existe ou acontece situa-se num tempo e num espaço. Portanto, para existirem, isto é, para serem reais, um objeto ou acontecimento precisam estar situados no tempo e no espaço.

Assim como os objetos e os acontecimentos, nós seres humanos, também ocupamos um lugar no espaço e situamo-nos no tempo. Vivemos numa certa época e moramos num lugar. A humanidade ocupa um espaço, que é o espaço geográfico.

Mas nem todos os seres humanos vivem e percebem o espaço da mesma forma. Depende da sociedade e da época. Na antiguidade, por exemplo, não existiam países ou nações, que hoje dominam a superfície terrestre.

Como a nossa sociedade, a chamada sociedade moderna, percebe e ocupa o seu espaço?

Os níveis e as dimensões do espaço atual: vamos tomar como exemplo o lugar, ou seja, uma parcela do espaço onde vive a estudante Flávia. Flávia vive em nosso país. Mora em um apartamento com os pais. O seu quarto é seu espaço mais pessoal. A planta do apartamento nos dá uma idéia da moradia: quantas dependências, a distribuição dessas dependências, a localização do quarto de Flávia em relação aos outros aposentos. Esse apartamento está no 3º andar de um prédio. O edifício, por sua vez, localiza-se numa rua. E, a rua fica num bairro.

Mas, o espaço de Flávia não é só este. É o conjunto formado pelos lugares onde ela vive, passeia, estuda, brinca, viaja, conhece de ouvir falar ou por meio de livros e revistas.

Já vimos seu quarto, eu apartamento e a rua onde ela mora. O que falta conhecer agora? As ruas e avenidas que estão próximas. A escola se localiza a algumas quadras de sua casa. Nessa rua ou nas proximidades, existem açougue, padaria, banca de jornal, supermercados, etc. Existem também algumas casa e muito comércio e circulação de pessoas e de veículos.

Todas as ruas e avenidas vizinhas à rua onde Flávia mora formam um bairro, e esse bairro se localiza numa cidade. O bairro se chama Floresta, e a cidade Belo Horizonte.

O que falta ainda para completar o espaço de Flávia? Qual Estado onde fica a cidade de Belo Horizonte e em qual país está este estado. O estado é Minas Gerais, o país, Brasil. E onde fica o Brasil? Na América do Sul, um pedaço do continente americano, que faz parte da superfície do planeta Terra.

Como vê, o espaço de convivência do ser humano possui vários níveis ou dimensões. A menor dimensão do nosso espaço é a nossa casa e a maior a superfície terrestre.

Fonte: <https://geohistoriadateresa.wordpress.com/2010/03/21/a-sociedade-moderna-e-o-espaco/>

3. O BRASIL, A NOVA ORDEM MUNDIAL E A GLOBALIZAÇÃO, BLOCOS ECONÔMICOS E A INTEGRAÇÃO DOS MERCADOS.

Hoje vivemos em um mundo estruturado sob uma nova ordem internacional, cujo perfil ainda não se encontra completamente definido.

Desde a queda do Muro de Berlim, em 1989, discute-se a emergência de uma nova ordem mundial, com base em duas mudanças: uma geopolítica e outra econômica. Na geopolítica, a grande mudança foi o fim da Guerra Fria e o da bipolarização de poder entre os Estados Unidos e a União Soviética. Na economia, o grande acontecimento foi o aprofundamento do processo de globalização e a formação de blocos econômicos.

O equilíbrio do poder ou a correlação de força é o significado de uma ordem mundial. É a situação econômica, militar, política e diplomática do mundo em um determinado período. No século XIX, a ordem era monopolar, sendo o Reino Unido a grande potência mundial.

No século XX, a ordem era bipolar. Após a Segunda Guerra Mundial (1945), os Estados Unidos (capitalista) e a ex-União Soviética (socialista) disputavam a hegemonia (dominação) ou supremacia internacional. Essas duas potências exerceram grande influência sobre o restante do mundo até 1991, em virtude do grande poderio econômico e militar.

A partir de 1991, a nova ordem mundial se tornou mais complexa. Do ponto de vista do poder militar, os Estados Unidos passaram a ter capacidade de intervir em conflitos importantes em quase todo o globo. Mas essa situação pode ser provisória, tendo em vista que a China moderniza as suas Forças Armadas com investimentos, inclusive em armamento nuclear. Outro exemplo se refere aos países fortes da União Europeia (França, Itália, Reino Unido e Alemanha) que podem se unir e adquirir um poderio bélico comparado ao estadunidense.

A disputa entre os grandes centros do poder, no século XXI, será entre quem tem a economia mais moderna, o melhor padrão ou qualidade de vida para suas populações, a tecnologia mais avançada. Por isso, a tendência à multipolaridade, isto é, a existência de vários centros de poder econômico (Estados Unidos, União Europeia, Japão e China), é uma característica fundamental da nova ordem.

Países como EUA, Japão e Alemanha passaram a pleitear mais poderio, influência e poder em escala mundial, agrupando-se em organizações multipolares, como, por exemplo, blocos econômicos.

Estabeleceu-se uma Nova Ordem Mundial, em geral denominada multipolar, capitaneada pelos três principais polos de poder no mundo, ou seja, as principais economias capitalistas: Estados Unidos, Alemanha e Japão. Atualmente, a China, segunda maior economia mundial, amplia sua influência na Ásia e em outras regiões do mundo.

Foi possível assistir, principalmente nas três últimas décadas, à ascensão de um grupo de países chamado de

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

História

1. Tempo social (história do país, estado e município) e físico (ordenação, duração e simultaneidade).	01
2. Brasil: Formação da sociedade brasileira. Divisão social do trabalho. Sociedade e Cultura.	06
3. Transformações sociais, econômicas, políticas e administrativas: as Instituições Monárquicas e Republicanas.	11
4. Expressão artística e cultural nas décadas de 1950/1960.	12
5. Etapas do desenvolvimento econômico: Cana de Açúcar, Mineração, Café e o "Milagre Brasileiro".	12

1. TEMPO SOCIAL (HISTÓRIA DO PAÍS, ESTADO E MUNICÍPIO) E FÍSICO (ORDENAÇÃO, DURAÇÃO E SIMULTANEIDADE).

História do País (Brasil)

A descoberta do Brasil, em 22 de abril de 1500, pela esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, com destino às Índias, integra o ciclo da expansão marítima portuguesa. Inicialmente denominada Terra de Vera Cruz, depois Santa Cruz e, finalmente, Brasil, a nova terra foi explorada a princípio em função da extração do pau-brasil, madeira de cor vermelha usada em tinturaria na Europa, e que deu o nome à terra.

Várias expedições exploradoras (Gonçalo Coelho, Gaspar de Lemos) e guarda-costas (Cristóvão Jacques) foram enviadas pelo rei de Portugal, a fim de explorar o litoral e combater piratas e corsários, principalmente franceses, para garantir a posse da terra. O sistema de feitorias, já utilizado no comércio com a África e a Ásia, foi empregado tanto para a defesa como para realizar o escambo (troca) do pau-brasil com os indígenas. A exploração do pau-brasil, monopólio da Coroa portuguesa, foi concedida ao cristão-novo Fernão de Noronha.

A partir de 1530, tem início a colonização efetiva, com a expedição de Martim Afonso de Sousa, cujos efeitos foram o melhor reconhecimento da terra, a introdução do cultivo da cana-de-açúcar e a criação dos primeiros engenhos, instalados na recém-fundada cidade de São Vicente, no litoral de São Paulo, que no século 16 chegou a ter treze engenhos de açúcar. A economia açucareira, entretanto, vai se concentrar no Nordeste, principalmente em Pernambuco. Estava baseada no tripé latifúndio--monocultura--escravidão. A cana-de-açúcar, no Nordeste, era cultivada e beneficiada em grandes propriedades, que empregavam mão-de-obra dos negros africanos trazidos como escravos, e destinava-se à exportação.

Ao lado do ciclo da cana-de-açúcar, ocorrido na zona da mata, desenvolveu-se o ciclo do gado. A pecuária aos poucos ocupou toda a área do agreste e do sertão nordestinos e a bacia do rio São Francisco. No século 18, o ciclo da mineração do ouro e dos diamantes em Minas Gerais levou à ocupação do interior da colônia. A sociedade mineradora era mais diversificada do que a sociedade açucareira, extremamente ruralizada. Na zona mineira, ao lado dos proprietários e escravos, surgiram classes intermediárias, constituídas por comerciantes, artesãos e funcionários da Coroa.

Política e administrativamente a colônia estava subordinada à metrópole portuguesa, que, para mais facilmente ocupá-la, adotou, em 1534, o sistema de capitanias hereditárias. Consistia na doação de terras pelo rei de Portugal a particulares, que se comprometiam a explorá-las e povoá-las. Apenas duas capitanias prosperaram: São Vicente e Pernambuco. As capitanias hereditárias somente foram extintas em meados do século 18.

Em 1548, a Coroa portuguesa instituiu o governo geral, para melhor controlar a administração da colônia. O governador-geral Tomé de Sousa possuía extensos poderes, e administrava em nome do rei a capitania da Bahia, cuja sede, Salvador -- primeira cidade fundada no Brasil, foi também sede do governo geral até 1763, quando a capital da colônia foi transferida para o Rio de Janeiro. A administração local era exercida pelas câmaras municipais, para as quais eram eleitos os colonos ricos, chamados "homens bons".

O papel da Igreja Católica era da mais alta importância. A ela cabiam tarefas administrativas, a assistência social, o ensino e a catequese dos indígenas. Dentre as diversas ordens religiosas, destacaram-se os jesuítas.

Invasões estrangeiras. Durante o período colonial, o Brasil foi alvo de várias incursões estrangeiras, sobretudo de franceses, ingleses e holandeses. Os franceses chegaram a fundar, em 1555, uma colônia, a França Antártica, na ilha de Villegaignon, na baía de Guanabara. Somente foram expulsos em 1567, em combate do qual participou Estácio de Sá, fundador da cidade do Rio de Janeiro (1565). Mais tarde, entre 1612 e 1615, novamente os franceses tentaram estabelecer uma colônia no Brasil, desta vez no Maranhão, chamada França Equinocial.

Os holandeses, em busca do domínio da produção do açúcar (do qual eram os distribuidores na Europa), invadiram a Bahia, em 1624, sendo expulsos no ano seguinte. Em 1630, uma nova invasão holandesa teve como alvo Pernambuco, de onde estendeu-se por quase todo o Nordeste, chegando até o Rio Grande do Norte. Entre 1637 e 1645, o Brasil holandês foi governado pelo conde Maurício de Nassau, que realizou brilhante administração. Em 1645, os holandeses foram expulsos do Brasil, no episódio conhecido como insurreição pernambucana.

Expansão geográfica

Durante o século 16, foram organizadas algumas entradas, expedições armadas ao interior, de caráter geralmente oficial, em busca de metais preciosos. No século seguinte, expedições particulares, conhecidas como bandeiras, partiram especialmente de São Paulo, com três objetivos: a busca de índios para escravizar; a localização de agrupamentos de negros fugidos (quilombos), para destruí-los; e a procura de metais preciosos. As bandeiras de caça ao índio (Antônio Raposo Tavares, Sebastião e Manuel Preto) atingiram as margens do rio Paraguai, onde arrasaram as "reduções" (missões) jesuíticas. Em 1695, depois de quase um século de resistência, foi destruído Palmares, o mais célebre quilombo do Brasil, por tropas comandadas pelo bandeirante Domingos Jorge Velho.

Datam do final do século 17 as primeiras descobertas de jazidas auríferas no interior do território, nas chamadas Minas Gerais (Antônio Dias Adorno, Manuel de Borba Gato), em Goiás (Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera) e Mato Grosso (Pascoal Moreira Cabral), onde foram estabelecidas vilas e povoações. Mais tarde, foram encontrados diamantes em Minas Gerais. Um dos mais célebres bandeirantes foi Fernão Dias Pais, o caçador de esmeraldas.

Ao mesmo tempo que buscavam o oeste, os bandeirantes ultrapassaram a vertical de Tordesilhas, a linha imaginária que, desde 1494, separava as terras americanas pertencentes a Portugal e à Espanha, contribuindo para alargar o território brasileiro. As fronteiras ficaram demarcadas por meio da assinatura de vários tratados, dos quais o mais importante foi o de Madri, celebrado em 1750, e que praticamente deu ao Brasil os contornos atuais. Nas negociações com a Espanha, Alexandre de Gusmão defendeu o princípio do *uti possidetis*, o que assegurou a Portugal as terras já conquistadas e ocupadas.

Revoltas coloniais

Desde a segunda metade do século 17, explodiram na colônia várias revoltas, geralmente provocadas por interesses econômicos contrariados. Em 1684, a revolta dos Beckman, no Maranhão, voltou-se contra o monopólio exercido pela Companhia de Comércio do Estado do Maranhão. Já no século 18, a guerra dos emboabas envolveu paulistas e “forasteiros” na zona das minas; a guerra dos mascates opôs os comerciantes de Recife aos aristocráticos senhores de engenho de Olinda; e a revolta de Vila Rica, liderada por Filipe dos Santos, em 1720, combateu a instituição das casas de fundição e a cobrança de novos impostos sobre a mineração do ouro.

Os mais importantes movimentos revoltosos desse século foram a conjuração mineira e a conjuração baiana, as quais possuíam, além do caráter econômico, uma clara conotação política. A conjuração mineira, ocorrida em 1789, também em Vila Rica, foi liderada por Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que terminou preso e enforcado, em 1792. Pretendia, entre outras coisas, a independência e a proclamação de uma república. A conjuração baiana -- também chamada revolução dos alfaixates, devido à participação de grande número de elementos das camadas populares (artesãos, soldados, negros libertos) --, ocorrida em 1798, tinha idéias bastante avançadas para a época, inclusive a extinção da escravidão. Seus principais líderes foram executados. Mais tarde, estourou outro importante movimento de caráter republicano e separatista, conhecido como revolução pernambucana de 1817.

Independência. Em 1808, ocorreu a chamada “inversão brasileira”, isto é, o Brasil tornou-se a sede da monarquia portuguesa, com a transferência da família real e da corte para o Rio de Janeiro, fugindo da invasão napoleônica na península ibérica. Ainda na Bahia, o príncipe regente D. João assinou o tratado de abertura dos portos brasileiros ao comércio das nações amigas, beneficiando principalmente a Inglaterra. Terminava assim o monopólio português sobre o comércio com o Brasil e tinha início o livre-cambismo, que perduraria até 1846, quando foi estabelecido o protecionismo.

Além da introdução de diversos melhoramentos (Imprensa Régia, Biblioteca Pública, Academia Militar, Jardim Botânico, faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia e outros), no governo do príncipe regente D. João (que passaria a ter o título de D. João VI a partir de 1816,

com o falecimento da rainha D. Maria I) o Brasil foi elevado à categoria de reino e teve anexadas a seu território a Guiana Francesa e a Banda Oriental do Uruguai, que tomou o nome de província Cisplatina.

A partir de 1821, com a volta do rei e da corte para Portugal, o Brasil passou a ser governado pelo príncipe regente D. Pedro. Atendendo principalmente aos interesses dos grandes proprietários rurais, contrários à política das Cortes portuguesas, que desejavam recolonizar o Brasil, bem como pretendendo libertar-se da tutela da metrópole, que visava diminuir-lhe a autoridade, D. Pedro proclamou a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, às margens do riacho do Ipiranga, na província de São Paulo. É importante destacar o papel de José Bonifácio de Andrada e Silva, à frente do chamado Ministério da Independência, na articulação do movimento separatista.

Primeiro reinado. Aclamado imperador do Brasil, D. Pedro I tratou de dar ao país uma constituição, outorgada em 1824. No início do seu reinado, ocorreu a chamada “guerra da independência”, contra as guarnições portuguesas sediadas principalmente na Bahia. Em 1824, em Pernambuco, a confederação do Equador, movimento revoltoso de caráter republicano e separatista, questionava a excessiva centralização do poder político nas mãos do imperador, mas foi prontamente debelado. Em 1828, depois da guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, o Brasil reconheceu a independência do Uruguai.

Depois de intensa luta diplomática, em que foi muito importante a intervenção da Inglaterra, Portugal reconheceu a independência do Brasil. Frequentes conflitos com a Assembleia e interesses dinásticos em Portugal levaram D. Pedro I, em 1831, a abdicar do trono do Brasil em favor do filho D. Pedro, então com cinco anos de idade.

Período regencial. O reinado de D. Pedro II teve início com um período regencial, que durou até 1840, quando foi proclamada a maioridade do imperador, que contava cerca de quinze anos. Durante as regências, ocorreram intensas lutas políticas em várias partes do país, quase sempre provocadas pelos choques entre os interesses regionais e a concentração do poder no Sudeste (Rio de Janeiro). A mais importante foi a guerra dos farrapos ou revolução farroupilha, movimento republicano e separatista ocorrido no Rio Grande do Sul, em 1835, e que só terminou em 1845. Além dessa, ocorreram revoltas na Bahia (Sabinada), no Maranhão (Balaçada) e no Pará (Cabanagem).

Segundo reinado. O governo pessoal de D. Pedro II começou com intensas campanhas militares, a cargo do general Luís Alves de Lima e Silva, que viria a ter o título de duque de Caxias, com a finalidade de pôr termo às revoltas provinciais. A partir daí, a política interna do império brasileiro viveu uma fase de relativa estabilidade, até 1870.

A base da economia era a agricultura cafeeira, desenvolvida a partir de 1830, no Sudeste, inicialmente nos morros como o da Tijuca e a seguir no vale do Paraíba fluminense (província do Rio de Janeiro), avançando para São Paulo (vale do Paraíba e oeste paulista). Até 1930, o ciclo do café constituiu o principal gerador da riqueza brasileira. A partir da década de 1850, graças aos empreendimentos de

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Matemática

1. Números naturais: comparação, ordenação, seriação e organização em agrupamentos. Sistema de numeração decimal, operações fundamentais. Aplicação das propriedades operatórias nas técnicas de cálculo mental e estimativas. Divisibilidade: múltiplos, divisores, número primo, MMC e MDC. Situações-problema envolvendo adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação de números inteiros.	01
2. Números racionais: operações, representações e Situações-problema envolvendo frações e números decimais.	01
3. Sistema monetário brasileiro.	12
4. Espaço e forma: figuras planas, sólidos geométricos e suas propriedades. Composição e decomposição de figuras planas e espaciais. Grandezas e medidas: medidas de comprimento, superfície, volume, capacidade, massa e tempo. Perímetro, área e volume. Sistema legal de unidades de medida.	16
5. Porcentagem.	35
6. A Aprendizagem significativa no ensino da Matemática.	38
7. O papel do jogo na aprendizagem.	38
8. Tratamento das Informações: leitura e interpretação de dados em tabelas e gráficos.	43

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Matemática

1. NÚMEROS NATURAIS: COMPARAÇÃO, ORDENAÇÃO, SERIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO EM AGRUPAMENTOS. SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL, OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS. APLICAÇÃO DAS PROPRIEDADES OPERATÓRIAS NAS TÉCNICAS DE CÁLCULO MENTAL E ESTIMATIVAS. DIVISIBILIDADE: MÚLTIPLOS, DIVISORES, NÚMERO PRIMO, MMC E MDC. SITUAÇÕES-PROBLEMA ENVOLVENDO ADIÇÃO, SUBTRAÇÃO, MULTIPLICAÇÃO, DIVISÃO, POTENCIAÇÃO E RADICAÇÃO DE NÚMEROS INTEIROS.

2. NÚMEROS RACIONAIS: OPERAÇÕES, REPRESENTAÇÕES E SITUAÇÕES-PROBLEMA ENVOLVENDO FRAÇÕES E NÚMEROS DECIMAIS.

Números Naturais

Os números naturais são o modelo matemático necessário para efetuar uma contagem. Começando por zero e acrescentando sempre uma unidade, obtemos o conjunto infinito dos números naturais

$$\mathbb{N} = \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, \dots\}$$

- Todo número natural dado tem um sucessor

- a) O sucessor de 0 é 1.
- b) O sucessor de 1000 é 1001.
- c) O sucessor de 19 é 20.

Usamos o * para indicar o conjunto sem o zero.

$$\mathbb{N}^* = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, \dots\}$$

- Todo número natural dado N , exceto o zero, tem um antecessor (número que vem antes do número dado).

Exemplos: Se m é um número natural finito diferente de zero.

- a) O antecessor do número m é $m-1$.
- b) O antecessor de 2 é 1.
- c) O antecessor de 56 é 55.
- d) O antecessor de 10 é 9.

Expressões Numéricas

Nas expressões numéricas aparecem adições, subtrações, multiplicações e divisões. Todas as operações podem acontecer em uma única expressão. Para resolver as expressões numéricas utilizamos alguns procedimentos:

Se em uma expressão numérica aparecer as quatro operações, devemos resolver a multiplicação ou a divisão primeiramente, na ordem em que elas aparecerem e somente depois a adição e a subtração, também na ordem em que aparecerem e os parênteses são resolvidos primeiro.

Exemplo 1

$$10 + 12 - 6 + 7$$

$$22 - 6 + 7$$

$$16 + 7$$

$$23$$

Exemplo 2

$$40 - 9 \times 4 + 23$$

$$40 - 36 + 23$$

$$4 + 23$$

$$27$$

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Matemática

Exemplo 3
 $25 - (50 - 30) + 4 \times 5$
 $25 - 20 + 20 = 25$

Números Inteiros

Podemos dizer que este conjunto é composto pelos números naturais, o conjunto dos opostos dos números naturais e o zero. Este conjunto pode ser representado por:

$$\mathbb{Z} = \{\dots, -3, -2, -1, 0, 1, 2, \dots\}$$

Subconjuntos do conjunto $\mathbb{Z}$:

1) Conjunto dos números inteiros excluindo o zero

$$\mathbb{Z}^* = \{\dots, -2, -1, 1, 2, \dots\}$$

2) Conjuntos dos números inteiros não negativos

$$\mathbb{Z}_+ = \{0, 1, 2, \dots\}$$

3) Conjunto dos números inteiros não positivos

$$\mathbb{Z}_- = \{\dots, -3, -2, -1\}$$

Números Racionais

Chama-se de número racional a todo número que pode ser expresso na forma $\frac{a}{b}$, onde a e b são inteiros quaisquer, com $b \neq 0$

São exemplos de números racionais:

$$-12/51$$

$$-3$$

$$-(-3)$$

$$-2,333\dots$$

As dízimas periódicas podem ser representadas por fração, portanto são consideradas números racionais.

Como representar esses números?

Representação Decimal das Frações

Temos 2 possíveis casos para transformar frações em decimais

1º) Decimais exatos: quando dividirmos a fração, o número decimal terá um número finito de algarismos após a vírgula.

$$\frac{1}{2} = 0,5$$

$$\frac{1}{4} = 0,25$$

$$\frac{3}{4} = 0,75$$

2º) Terá um número infinito de algarismos após a vírgula, mas lembrando que a dízima deve ser periódica para ser número racional

OBS: período da dízima são os números que se repetem, se não repetir não é dízima periódica e assim números irracionais, que trataremos mais a frente.

$$\frac{1}{3} = 0,333\dots$$

$$\frac{35}{99} = 0,353535\dots$$

$$\frac{105}{9} = 11,6666\dots$$

Representação Fracionária dos Números Decimais

1º caso) Se for exato, conseguimos sempre transformar com o denominador seguido de zeros.

O número de zeros depende da casa decimal. Para uma casa, um zero (10) para duas casas, dois zeros (100) e assim por diante.

$$0,3 = \frac{3}{10}$$

$$0,03 = \frac{3}{100}$$

$$0,003 = \frac{3}{1000}$$

$$3,3 = \frac{33}{10}$$

2º caso) Se dízima periódica é um número racional, então como podemos transformar em fração?

Exemplo 1

Transforme a dízima 0,333... em fração

Sempre que precisar transformar, vamos chamar a dízima dada de x, ou seja

$$X = 0,333\dots$$

Se o período da dízima é de um algarismo, multiplicamos por 10.

$$10x = 3,333\dots$$

E então subtraímos:

$$10x - x = 3,333\dots - 0,333\dots$$

$$9x = 3$$

$$X = 3/9$$

$$X = 1/3$$

Agora, vamos fazer um exemplo com 2 algarismos de período.

Exemplo 2

Seja a dízima 1,1212...

$$\text{Façamos } x = 1,1212\dots$$

$$100x = 112,1212\dots$$